

**Brazilian Journal of Forensic Sciences,
Medical Law and Bioethics**

Journal homepage: www.ipebj.com.br/forensicjournal



Anais do IX Simpósio Forense

Proceedings of IX Forensic Symposium

Received 20 September 2017

IX Simpósio Forense

Realização do Instituto Paulista de Estudos Bioéticos e Jurídicos (IPEBJ)/

Forensic Science Investigation Brasil (FSI-Brasil)

Local: Centro de Convenções de Ribeirão Preto

Data: 15, 16 e 17 de Setembro de 2017

Resumos:

**Feminização Facial: Reflexões e o Impacto em
Antropologia Forense**

Barbara Kuhnen¹, Franciellen de Barros¹, Lara Maria Herrera¹, Luiza Monachini
Marcantonio¹, Clemente Maia da Silva Fernandes¹, Mônica da Costa Serra¹

¹ *Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Odontologia, Araraquara*

A face é uma das partes fundamentais do corpo humano, sendo única para cada sujeito. A mesma contribui para a identidade e auto-reconhecimento dos indivíduos, de acordo com as diferentes características faciais existentes. A individualização de cada pessoa na sociedade é fundamental, sendo possível determinar sua identidade por meio de características próprias. Atualmente, é crescente a demanda por procedimentos estéticos realizados na face. Dentre as técnicas utilizadas no contexto forense da busca da identificação de alguém, está a Reconstrução Facial Forense (RFF) - reconstrução da face do sujeito, a partir de seu crânio, ferramenta que pode proporcionar o reconhecimento, utilizada por vezes quando não há suspeitos, o que impossibilita a aplicação de alguma técnica de identificação (que implica em comparação e dados *ante* e *postmortem*). A RFF pode trazer grandes chances de uma identificação futura, quando ocorre o reconhecimento da face reconstruída. Para a realização dos métodos de RFF, mister se faz o conhecimento da espessura de tecidos moles faciais. Porém, possivelmente as pessoas que se submetem

à Cirurgia de Feminização Facial (CFF) têm alteradas as espessuras dos seus tecidos moles faciais devido às mudanças de suas características faciais, pois estas cirurgias alteram substancialmente os tecidos duros da face. Importante é também lembrar que o processo de feminização pode ser somente hormonal. Sem falar que medidas cranianas são alteradas, o que tem impacto nos trabalhos de Antropologia Forense. Com isso, tabelas existentes utilizadas na RFF podem tornar-se inadequadas para estes indivíduos. Este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento da literatura sobre feminização facial e levantar discussões sobre seu valor no contexto da Antropologia Forense. As buscas foram realizadas utilizando as bases de dados bibliográficas — PubMed, Web of Science, EMBASE, e LILACS. Não foram encontrados trabalhos associando a Feminização Facial e a Antropologia Forense. Foi possível concluir que são necessários estudos com este tipo de enfoque, visto que o número de indivíduos submetidos a tais procedimentos está aumentando.

Espessuras de Tecidos Moles Faciais de Crianças e Adolescentes e Sua Aplicação na Reconstrução Facial Forense: Um Levantamento da Literatura

Barbara Kuhnen¹, Franciéllen de Barros¹, Clemente Maia da Silva Fernandes¹,
Mônica da Costa Serra¹

¹ *Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Odontologia, Araraquara*

Na sociedade, a identificação humana é indispensável tanto por razões legais como humanitárias. A realização de métodos de identificação, os quais se determina a identidade de um indivíduo, implica em processos comparativos de dados anteriores que possam ser comparados com os encontrados quando da necessidade do estabelecimento da identidade. Porém, existem situações em que não há suspeitos. Nesses casos, análises antropológicas são de extrema importância, pois permite estabelecer o perfil biológico do sujeito: estimativa do sexo, idade, ancestralidade e estatura. Neste contexto, realiza-se a Reconstrução Facial Forense (RFF) para possibilitar o reconhecimento e levar a uma possível identificação. A RFF pode ser manual ou digital, bi ou tridimensional, e para ser realizada precisa dos valores das espessuras de tecidos moles faciais (ETMF) em diversos pontos craniométricos. Essas medidas servem como guia para se estabelecer um limiar do contorno da face. Diferentes fatores podem influenciar nos valores de ETMF - dentre estes, a idade. Infelizmente, o número de crianças em idade escolar que desaparecem em nosso país é

muito elevado. Dados de 2015 revelam que a cada ano, em média 250 mil pessoas desaparecem no Brasil sem deixar rastro. Dessas, 40 mil têm menos de 18 anos, de acordo com estimativas oficiais. Assim, a realização de RFF em casos infantis é muito importante. E, conseqüentemente, mister é a existência de tabelas de ETMFs para indivíduos não adultos. Este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento da literatura sobre a existência de tabelas de espessura de tecidos moles faciais referentes à população infantil. As buscas foram realizadas utilizando as bases de dados bibliográficas — PubMed, Web of Science, EMBASE, e LILACS. Verificou-se que há poucos dados referentes a este assunto e quando se diz respeito em crianças e adolescentes brasileiros, foi encontrada apenas uma publicação. Porém, este trabalho apresenta somente dados para a linha média da face, o que não é suficiente para a realização de RFFs. Foram comparados dados referentes às ETMF encontrados para população infantil em artigos internacionais e no nacional levantado. Os mesmos foram tabulados e apresentados de forma descritiva em tabela. Concluiu-se que são necessários mais estudos para o estabelecimento de tabelas de espessuras de tecidos moles faciais para crianças e adolescentes, em especial para a população brasileira, em que, infelizmente, o desaparecimento e mesmo o homicídio infantil é uma triste realidade.

A Sociedade e Seus Amoladores de Faca: uma Análise sobre a Maldade Humana

Andressa Cristina Pestana Faria, Carolina Marcia Bezerra Magalhães,

Natália Almeida Nunes

IBMR – Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação

O transtorno de personalidade antissocial, a psicopatia é definido como uma estrutura que apresenta descontrole emocional e principalmente insensibilidade a dor. Reconhecendo esta definição é debatida a questão: “Porque os indivíduos de “bem” que, por exemplo, lincham e sentem prazer por isso, não podem também serem chamados de psicopatas?” Outras questões são atribuídas sobre o que é o ser humano e o que é a maldade, e é envolvido pesquisas em Foucault e Freud, as quais nos mostram que Freud acreditava que o indivíduo era constituído naturalmente. Pensava ele, que havia um fator comum que generalizava o que era posto em todos os indivíduos. Em sua concepção, o indivíduo era constituído pelo Id, ego e superego. Freud desmente a ideia de que o indivíduo é um ser carinhoso e bondoso por natureza. Ele mostra que o Id, é a estrutura mais básica, mais primaria da

personalidade, aonde ficam os instintos. O Id, opera pelos impulsos que obedecem ao princípio do prazer, por isso o indivíduo é um ser egoico, a procura sempre de nos satisfazer primeiro. A partir desse argumento temos as pulsões de vida, com o nosso desejo de luta pela sobrevivência e as pulsões de morte, constituída pela nossa agressividade e pelo desejo inconsciente de morrer. Foucault fala em seu livro, Vigiar e Punir de 2004, sobre os suplícios, que eram a espetacularização do sofrimento dos corpos físicos, que deveriam servir de exemplo para inibição do crime. Os espetáculos causavam comoção das mais diversas, prazer, horror, pavor, mas a que mais aparecia era o prazer. Contextualizando com o Brasil atual, está entre os países que mais lincham no mundo, o estudo pretende analisar por que as pessoas que sentem prazer em serem justiceiras não são socialmente consideradas psicopatas mesmo apresentando algumas características, mesmo que momentâneo, do transtorno de personalidade antissocial. Quando esse indivíduo de “bem” chama esse indivíduo de criminoso, monstro, aberração, pervertido, psicopata, parece ter sobre nós um curioso efeito de alívio. Quanto mais taxamos esses criminosos, mais nos sentimos diferente deles, é uma defesa natural para negar o potencial de violência que existe em todos nós. Nós temos o instinto mas massacrados ele, negamos até o final que o temos, mesmo com atos de atrocidades. A ponta da faca, o dedo no gatilho, mas mãos que massacram/lincham, a vida está por um fio. Qualquer um pode se render ao impulso. Quando um pai fala “quando o vi roubando/estuprando, pensei na minha família, pensei na minha filha, o que ele poderia ter feito com elas”, tentando justificar o porquê linchou aquele homem, aquele suspeito, justificando seu ato de justiceiro.

Tabelas de Espessura de Tecidos Moles Faciais e Sua Aplicação nas Reconstruções Faciais Forenses em Diferentes Populações

Franciellen de Barros¹, Barbara Kuhnen¹, Clemente Maia da Silva Fernandes¹,
Mônica da Costa Serra¹

¹ *Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Odontologia, Araraquara*

No contexto pericial, existem várias técnicas que permitem identificar um cadáver. Porém, quando não podem ser realizados métodos de identificação por não existirem suspeitos (impossibilitando a comparação de dados *ante-mortem* com os dados *post-mortem* encontrados), o corpo não é identificado, e a identidade do indivíduo não é estabelecida. Nestas situações, é de grande valia a realização da Reconstrução Facial Forense (RFF), técnica por meio da qual, a partir de um crânio seco encontrado sem identificação, recria-se

a face do indivíduo, o que pode possibilitar o reconhecimento, trazendo grandes chances de uma identificação futura. Esta técnica baseia-se na aplicação de marcadores que representam a espessura dos tecidos moles em pontos craniométricos de referência, sendo necessário ter o conhecimento das espessuras dos tecidos moles faciais (ETMFs) que recobrem as estruturas ósseas, pois os mesmos servem como base para a obtenção do contorno facial. O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão da literatura sobre as tabelas de espessuras de tecidos moles faciais em diferentes populações. As bases bibliográficas utilizadas para a busca dos artigos foram o PubMed, Web of Science e EMBASE, utilizando os descritores: Thickness of facial soft tissue, Thickness of facial soft tissue in the facial reconstruction e Forensic facial reconstruction. Existem diversas tabelas de ETMFs na literatura para diferentes populações, por exemplo, norte-americanos brancos e negros, zulus, sul-africanos, canadenses, egípcios, australianos, colombianos, brasileiros, entre outros. Observou-se que além de existir diferenças de ETMFs entre as populações, existem também discrepâncias em relação à idade, sexo e índice de massa corporal, sendo estas informações relevantes para a criação de novas tabelas. Não obstante, foram encontradas propostas de unificação de tabelas. Conclui-se que é necessário que cada população possua padrões específicos em relação aos dados de ETMFs para serem utilizados nas RFFs, para que sejam aumentadas as chances de reconhecimento, e consequentemente sejam aumentadas as chances de identificação do cadáver. No que diz respeito à unificação, são necessários estudos para validar (ou não) esta possibilidade.

Reconstrução Facial Forense: Fatores que Influenciam as Medidas das Espessuras de Tecidos Moles Faciais

Franciellen de Barros¹, Barbara Kuhnen¹, Lara Maria Herrera¹, Luiza Monachini Marcantonio¹, Clemente Maia da Silva Fernandes¹, Mônica da Costa Serra¹

¹ *Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Odontologia, Araraquara*

A Reconstrução Facial Forense (RFF) é uma técnica que busca recriar manualmente ou digitalmente a face de um indivíduo, produzindo uma face aproximada das suas características quando em vida, a partir de um crânio seco encontrado sem identificação. Seu principal objetivo é o reconhecimento de sujeitos que necessitam ter sua identidade estabelecida. É uma técnica utilizada pelos profissionais quando um corpo não foi identificado anteriormente por métodos tradicionais de identificação. Para realizar a RFF, é crucial ter o conhecimento das espessuras dos tecidos moles faciais (ETMFs) que recobrem

as estruturas ósseas do crânio e da face, utilizadas como base para a obtenção do contorno facial. Porém, as ETMFs podem ser influenciadas e variar de acordo com o sexo, a idade e o índice de massa corporal (IMC). Outros fatores podem também influenciar e/ou modificar as ETMFs, como cirurgias estéticas, cirurgias para feminização facial, deformidades dentofaciais, reabilitações orais, etc. O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento da literatura sobre estudos que realizaram a mensuração das ETMFs em diferentes populações entre o ano 2015 a 2017, para serem utilizadas em RFF, levando em consideração a influência do sexo, idade e IMC nas espessuras dos tecidos moles da face. As bases bibliográficas utilizadas para a busca dos artigos foram o PubMed, Web of Science e LILACS, utilizando os descritores: Thickness of facial soft tissue, Thickness of facial soft tissue in the facial reconstruction e Forensic facial reconstruction. Observou-se que em vários estudos os valores das mensurações das ETMFs foram influenciados pelo sexo, idade e IMC. Foi possível concluir que é necessário formular tabelas de espessura de tecidos moles da face para determinadas populações, levando-se em consideração tais parâmetros.

O Comportamento Violento como Possível Consequência das Lesões no Lobo Frontal

Hugo Raimundo Dezem¹

¹ Instituto Paulista de Estudos Bioéticos e Jurídicos (IPEBJ)

Introdução: Os estudos sobre a relação das lesões cerebrais, especialmente no lobo frontal, com o comportamento violento tiveram início após o famoso caso de Phineas Gage, ocorrido no século XIX nos Estados Unidos. Gage era um operário da construção de estradas de ferro nos Estados Unidos, retratado por seus próximos como um homem equilibrado, responsável e muito determinado quanto aos seus objetivos, no entanto, após ser atingido por uma barra de ferro que atravessou seu cérebro, entrando pela face esquerda e saindo pelo topo da cabeça, Gage sofreu uma séria alteração no comportamento, agindo com atitudes grosseiras e violentas que não apresentava anteriormente. Este caso se tornou a base inicial para os estudos da neurociência a respeito do comportamento violento. **Objetivo:** Por meio dessas pesquisas, o presente trabalho tem por objetivo identificar cientificamente uma evidente relação entre as lesões na região do lobo frontal do cérebro e o comportamento violento ou antissocial, pois embora haja evidências claras, não houve ainda uma efetiva comprovação que um ato é consequência

do outro. **Materiais e Métodos:** O material utilizado para a presente pesquisa são os artigos já produzidos, os relatos de pesquisas feitas por meio de estudos de neuroimagem e algumas experiências que já foram aplicadas na prática por grandes cientistas como Antônio Damásio, Adrian Raine, dentre outros. **Resultados:** O cérebro humano, como sabemos, é dividido em cinco lobos, sendo um desses o lobo frontal que se encontra localizado na parte da frente do cérebro – região da testa - onde ocorre o planejamento de ações e do pensamento. O neurocientista Antônio Damásio investigou diversos casos de pessoas com lesões na região do lobo frontal e identificou uma relação com emoções não inibidas, ações descontroladas e atitudes socialmente reprováveis. Nas pesquisas originais, alguns pesquisadores constataram um aumento significativo no comportamento violento de indivíduos que sofreram algum tipo de lesão cerebral, porém, ainda não há uma prova científica absoluta que ligue os dois pontos, que são os objetos desse estudo. **Conclusão:** Por hora, concluímos com a afirmação de que as lesões na região do lobo frontal possuem forte ligação com a conseqüente alteração no comportamento que algumas pessoas sofrem, porém não há uma confirmação científica de que tal lesão realmente foi a causa das atitudes violentas. A presente pesquisa ainda não está concluída, mas por meio do que já foi documentado é evidente que há umnexo causal entre tais fatores, e com o auxílio dos materiais e métodos os estudos persistirão de forma mais aprofundada até atingirem uma conclusão mais objetiva.

Botânica Forense e Sua Utilização na Elucidação de Crimes

Laura Segismundo Coelho^{1,2}, Jeniffer Pereira¹

¹ Instituto Paulista de Estudos Bioéticos e Jurídicos, Ribeirão Preto, SP

² Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo, SP

Introdução: A Botânica forense pode ser definida como o uso de vestígios de origem vegetal com a finalidade de apresentá-los como evidência científica nos tribunais e, embora seja uma ciência reconhecida desde meados de 1900, o uso de materiais vegetais como evidência física na resolução de assassinatos ou mortes acidentais ainda não é muito aceito. A identificação de amostras ou de fragmentos vegetais, tem se tornado cada vez mais importante nos diversos procedimentos forenses destinados a solucionar eventos relacionados a casos fatais, e também pode ser considerada peça importante dentro do contexto criminalístico relacionando, por exemplo, uma pessoa à cena do crime. **Objetivos:** Neste trabalho buscamos apresentar, de forma resumida, todas as áreas em que a Botânica

forense se torna útil na resolução de casos criminais, de forma a abordar os casos mais famosos em que esta ciência atuou como chave fundamental nos tribunais de justiça. **Materiais e Métodos:** Para tanto, foram selecionados 48 artigos científicos nos principais sites de busca, tais como, PubMed, SciELO e Scholar Google, utilizando como descritores as palavras Forensic Botany, Forensic Palynology e Forensic Science. **Resultados:** Neste trabalho verificou-se que os temas relacionados à Botânica forense que mais foram abordados em artigos científicos e que, conseqüentemente se apresentam como o assunto mais explorado na área são palinologia e limnologia. Além disso, a Nova Zelândia se apresenta como o país com maior número de artigos publicados sobre o assunto, uma vez que este país faz uso rotineiro da palinologia como evidência nos tribunais. A Botânica forense, quando comparada às demais áreas da ciência forense, como entomologia, antropologia, genética e patologia, apresenta-se como a ciência com o menor número de artigos publicados, o que nos confirma seu processo de desenvolvimento em relação às demais áreas que são mais reconhecidas e aceitas no âmbito forense. **Conclusões:** A partir destes dados, concluímos que a botânica forense é uma ferramenta poderosa para a investigação casos criminais e que vestígios botânicos podem conectar um suspeito a uma cena de crime, ou revelar se a morte foi acidental, homicídio ou suicídio. No entanto, para que a Botânica forense continue obtendo novos avanços no campo forense, é desejável uma padronização de métodos e o estabelecimento definitivo da multidisciplinaridade com maior interação entre biólogos, paleontólogos, médicos-legistas, antropólogos, odontólogos e as autoridades judiciais. Além disso, é importante que o perito que esteja em campo, saiba identificar quando um material vegetal deve ser considerado uma evidência relevante para o caso ou não, de forma que a botânica se torne mais valorizada como ciência forense em extensão mundial.

Projeto Diálogos: Psicologia Social na Formação de Graduandos e Presos na Penitenciária de Assis

Laura de Moraes Murari, Deivis Perez Bispo dos Santos

Universidade Estadual Paulista (UNESP) Campus Assis

Introdução: Em nossa sociedade, temos encontrado uma inquietação com relação aos direitos do cidadão, a superação das desigualdades e a integração socioeducacional e cultural dos segmentos populacionais vulnerabilizados e vitimizados. Tais preocupações nos remetem à questão prisional no país e, à necessidade de elaboração e implantação de

processos educacionais capazes de proporcionar o encorajamento, o autoplanejamento e possibilidades de metamorfoses pessoais voltadas para a adequada reintegração social. Diante disso, foi elaborado o projeto Diálogos, que se dedica à realização de cursos de extensão universitária e processos formativos voltados para os homens presos na Penitenciária de Assis-SP. **Objetivos:** O objetivo primário do projeto é contribuir para os processos de desenvolvimento cognitivo, afetivo e sociocultural das pessoas recolhidas à penitenciária por intermédio de oportunidades formativas de alta qualidade, as quais foram negadas aos presos ao longo de suas vidas. Também objetivamos ensinar a formação de psicólogos, no âmbito da graduação, para a atuação nos processos de mediação da formação e desenvolvimento de pessoas. **Metodologia:** A perspectiva teórico-metodológica norteadora de “Diálogos” é a Histórica-Cultural, baseada na abordagem educativa e da Psicologia do pensador Lev Semenovich Vigotski. A mesma está associada ao estímulo da construção colaborativa dos saberes, e à constante busca de referências significativas entre o contexto social e as vivências dos estudantes. As ações formativas apresentam diversidade de estratégias de ensino, visando a atender as diferentes formas de aprender dos participantes. Inclui: exposição dialogada; dinâmicas de grupo, exibição e discussão de material audiovisual; análise de textos e jogos educativos. **Resultados:** No tocante à dimensão quantitativa, foram atendidos no projeto 95 presos em 4 cursos realizados entre os anos de 2016 e 2017. Cada curso foi desenvolvido ao longo de 8 semanas e teve duração de 64 horas. Houve ênfase nos cursos de extensão universitária com temáticas voltadas para a leitura crítica do mundo do trabalho capitalista, compreensão das alternativas de geração de renda relacionadas ao campo da Economia Solidária e cooperativismo, e no entendimento da história e das estratégias discursivas utilizadas pelos veículos de comunicação para a produção de efeitos de verdade, visando à compreensão do papel da mídia na percepção da realidade e da cultura. As avaliações qualitativas (elaboração de portfólios e diários educacionais; técnicas de registro das aprendizagens e exame continuado da atividade) apontaram para a apropriação das competências teóricas trabalhadas. **Conclusões:** À guisa de conclusão, é possível destacar que além de apoiar o desenvolvimento dos presos participantes, esse trabalho tem cooperado para emancipação e alteridade dos presos, abordando temas críticos na contemporaneidade articulados às possibilidades de enfrentamento do estigma que marca o indivíduo que vivencia a experiência de encarceramento. É relevante destacar que, em Diálogos, tem-se fomentado a capacitação de profissionais da área da Psicologia para a mediação psicossocial e educativa, tensionando que se tornem aptos a realizar atividades laborais inovadoras, adotando práxis que considere a interdisciplinaridade dos fenômenos psicológicos.

Linchamentos no Brasil: Qual é a Parte que Nos Cabe Nesse Latifúndio?

Natália Almeida Nunes¹

¹ Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação (IBMR), Rio de Janeiro, RJ

São muitos os crimes bárbaros de “justiça” com as próprias mãos que se pode observar nos dias atuais. Há quem aplauda, há quem se choque; diante disso tudo ainda permanece a questão: qual a responsabilidade que cada indivíduo exerce e que antecede ao ato daquele que o representa? O famoso discurso de “bandido bom é bandido morto” conota mais do que vontade de justiça, mas um sentimento de vingança proveniente de um ódio, que necessita de um “outro” contra quem direcionar suas pulsões. Qual o personagem escolhido para ser esse “outro”? O objetivo do trabalho é mostrar como a violência que repercute não é aleatória. É pensada e produzida pela mídia a ideia de como – ou de quem- se constituem as então chamadas “classes perigosas”, a quem aqueles autointitulados “cidadãos de bem”, devem temer. Já geograficamente alocados à parte, trazendo consigo as consequências da escravidão, o resultado é a imagem do negro, pobre, favelado como alvo específico do repúdio. Apesar de muitos julgarem saber do peso da criminalização da pobreza, numa cultura individualizada, se o “eu” não puxou a faca, esse “eu” não tem culpa de nada. Ao traçarmos um paralelo com eventos históricos que se deram em outros locais do mundo, resultando em estigma, marginalização e genocídio de um determinado grupo social, como o holocausto, é possível verificar nos dias atuais o pensar coletivo em relação a uma convivência generalizada, enquanto sociedade. A população brasileira não assume a culpa na escravidão, na ditadura, ou no ódio às minorias, porque incorpora-se a culpabilização do “outro”. O que é o ser humano se incrimina ações como furto, roubo e morte mas mataria se lhe fosse dada a oportunidade? O presente trabalho utilizou-se de informações reunidas através de revisão bibliográfica a fim de refletir e entender qual é a figura deste criminoso alvo da catarse coletiva e o lugar que o indivíduo ocupa em cada ato genocida quando se fornece meios – ainda que através dos discursos – para que um crime seja cometido. Algumas conclusões de um campo muito aberto é que, ao se emitir discursos, principalmente na esfera pública, tem-se a impressão de que aquela “opinião” é algo aceitável na sociedade. Provocado pelo conceito de “amolador de facas”, criado pelo psicólogo Luis Antonio Baptista (1999), este trabalho buscou mostrar que pessoas são exterminadas em consequência de discursos, que, direta ou indiretamente, matam. E que se a sociedade não começar a entender e assumir a corresponsabilidade dos discursos de ódio, não será improvável a possibilidade de um novo holocausto.

Trabalhos premiados com menção honrosa

Botânica Forense e Sua Utilização na Elucidação de Crimes

Laura Segismundo Coelho, Jeniffer Pereira

Espessuras de Tecidos Moles Faciais de Crianças e Adolescentes e Sua Aplicação na Reconstrução Facial Forense: Um Levantamento da Literatura

Barbara Kuhnen, Franciellen de Barros, Clemente Maia da Silva Fernandes, Mônica da Costa Serra